

DO INFERNO AO PARAÍSO, COM UMA PARADA NO PURGATÓRIO

Por Elena Morbidelli

Os eventos que estão acontecendo neste momento histórico, onde se vivem verdadeiras situações “infernais”, “purgatórios” de todos os tipos e os “paraísos” estão por hora perdidos, exceto os fiscais, me veio à mente, o exercício sobre a “Divina Comédia de Dante” descrito por Roberto Assagioli, oferecendo uma sugestão para alguma reflexão.

A aproximação da peregrinação de Dante na selva obscura, como metáfora do percurso psicoterápico, pode-se facilmente intuir: “No meio do caminho de nossa vida...”, reconhecível, também a crise existencial típica de certa idade, onde iniciam-se as primeiras perguntas sobre o sentido de viver. Assim como a figura de Virgílio, psicoterapeuta/guia, que o acompanha na descoberta dos próprios demônios interiores, acorrentados no inferno (inconsciente inferior), de freudiana memória.

O estacionar, seguinte no Purgatório, para purificar-se das toxinas da personalidade, onde se encontram as figuras simbólicas acessíveis ao ego, o “falso balanço” da nossa alma.

Aqui encontram-se também as subpersonalidades, as coirmãs psíquicas, muitas vezes responsáveis pela “vingança interior” contra nós mesmos. O Paraíso, enfim, não sendo somente meta ideal para qual tendemos, mas como “esplêndida promessa do que podemos nos tornar”, como nos recorda Roberto Assagioli. Mas retornemos à simbologia entre a Divina Comédia e o percurso interior de conhecimento. “Feitos não fostes para viver como feios, mas para seguir virtudes e consciência...” Porque percurso de conhecimento, e não repeti o termo, psicoterapia; por amor de clareza, esta última, pelo menos como entendida na ótica psicossintética, não comporta uma focalização sobre aspectos mórbidos, patológicos, que a pessoa manifesta. De preferência, na relação psicoterápica, procura-se e evoca-se, aquilo que permaneceu saudável, (que frequentemente é muito mais que se possa pensar), tirando atenção, e, portanto, energia, da parte mórbida, restaurando os circuitos interrompidos.

Depois de um terremoto, ainda no meio dos escombros, objetos íntegros permanecem, intactos, tanto para dar esperança, quanto suscitar o desejo de reconstrução.

É uma parada de renascimento, como no percurso de conhecimento de si nascendo novamente a si mesmos, encontrando o próprio objeto original, muitas vezes perdido, distorcido, (como a “via reta”), tirando os detritos da personalidade e a poeira dos ofuscamentos mentais.

Erich Fromm dizia: “O fim da vida consiste em estar completamente nascidos, ainda se a tragédia esteja no fato que a maior parte de nós, morre, antes de ter conseguido nascer”.

A Psicossíntese legitima o direito de qualquer indivíduo de promover o próprio renascimento, no sentido de novo indivíduo, renascido. Como? Procurando (também com o auxílio de técnicas ativas) a **força** da mente interior necessária para libertar-nos dos medos que nos dominam e nos paralisam. Obrigando-nos, quase, a dar o melhor de nós, cultivando os aspectos **benevolentes** do nosso agir, fora das lógicas separativas do egoísmo, aceitando os nossos limites e reconhecendo as nossas faltas, assim como que possamos acolher as dos outros, liberando-nos dos prejuízos.

Parece de fato, que o senso de culpa pelas nossas imperfeições, nós projetamos nos outros, fazendo-os tornar inimigos, a culpa, que por sua vez, nutre a raiva. O que nos leva a agir com pouca **sabedoria**, escolhendo estratégias relacionais erradas, alimentando falsas imagens de nós mesmos, dando origem a mal-entendidos e equívocos. Um jogo de espelhos, de infinitas referências, que ao final destrói não só a imagem inicial, mas deforma a realidade das coisas. Com estas três palavras: força, benevolência e sabedoria, recordei os aspectos do querer psicossintético que cancela a velha ideia impositiva, do “senso de dever” geralmente ancorado à “vontade”, substituindo-o pelo “prazer de agir” segundo o próprio sentir autêntico.

Na leitura do exercício de Roberto Assagioli, lê-se: “Retornando à Divina Comédia e ao exercício baseado nela, é oportuno levar em conta que ele deve ser usado somente com sujeitos que tenham uma suficiente preparação cultural e uma aspiração espiritual...”

Este exercício, encontra-se no capítulo reservado à introdução à psicossíntese transpessoal, como de resto também o “Exercício do desabrochar da rosa”, amplamente usado, em vários contextos psicossintéticos.

Acredito, no entanto, que alguém que esteja genuinamente interessado em empreender um percurso de autoconsciência, possa ancorar nela sua compreensão. Uma suficiente preparação cultural, para mim significa saber colher alguns aspectos simbólicos e colocá-los em relação com o próprio percurso pessoal. Quanto à aspiração espiritual, refere-se à tendência inata, de toda mente humana, de transcender a si mesma e ir além (trans) dos aspectos comuns da personalidade.

O tema da peregrinação interior, parte da compreensão dos vários componentes da personalidade, desenrola-se até um processo de transformação, e realiza uma espécie de alquimia psíquica, na qual alguns elementos, antes em conflito entre si, convergem lentamente para uma síntese.

Mas, muitas vezes estas sínteses são momentâneas e parciais. Fecha-se uma porta e abrem-se cem.

A busca continua. O mar psíquico, o oceano das energias que fluem em nós, é infinito. Difícil, investigar todas estas regiões da mente humana.

É uma tendência, uma busca, mas tem um limiar. Este limiar Assagioli chama “Psicossíntese pessoal”, isto é, considera as regiões próximas da nossa psique onde geralmente se encontram os conflitos da nossa personalidade. É possível alcançar um bom grau de integração entre todas estas instâncias interiores. O que constitui já uma grande meta: viver em paz conosco mesmos e com os outros. Para algumas pessoas, porém, mesmo quando certas metas forem alcançadas, poderemos dizer em nível horizontal, aqui emergem, e não privados de sofrimento, dos apelos interiores mais altos, um senso de

insatisfação, uma busca diferente de significado, um desejo de união com os aspectos superiores da psique, não só individual, mas Universal, Cósmico: assim é “a Psicossíntese transpessoal”.

“A HUMILDADE REPRESENTA A RECUPERAÇÃO DA PRÓPRIA HUMANIDADE”

A Psicossíntese admite, aliás afirma, a Realidade da experiência espiritual, a existência dos valores superiores, da dimensão “noética” como a chama Victor Frankl, e propõe um percurso de realização do eu, que pode conduzir, cada indivíduo ao limiar dos mistérios da Alma, segundo o próprio nível evolutivo, sem, porém, interromper a própria psicossíntese pessoal. Agrada-me dizer que a experiência transpessoal seja para muitos, senão para todos.

O “mapa” oferecido pela Divina Comédia, guia-nos a contactar as regiões do nosso inconsciente inferior, a fazer uma pausa na nossa consciência, a desobstruir, os elementos tóxicos da personalidade, mas com um olhar voltado ao “sol e às outras estrelas”, das regiões espirituais de qualquer maneira sempre presentes em qualquer um de nós; o inconsciente transpessoal é a parte que leva todos a atingir os recursos úteis para melhorar a qualidade do próprio viver.

Muitas pessoas, no curso da vida, suportam tormentos, provas, tanto no nível físico, quanto moral, atravessam verdadeiros “Infernos”. Também no dito popular usa-se dizer, era uma “situação infernal”, ou mesmo, aquela relação foi um “verdadeiro inferno”. Que espécie de imagens, evoca geralmente o Inferno?

Dante, nos desarvora a este respeito. Simboliza com o gelo e não com as chamas, o círculo mais profundo do Inferno. A frieza do coração, representa a anestesia dos sentimentos. Nós frequentemente confundimos, as emoções com o sentir, e o sentir, com os sentimentos. Somos presas de fortes emoções, procuramo-las, principalmente os jovens... como uma espécie de estimulação cardíaca, descargas de adrenalina, e por quê? Porque os sentimentos, estão anestesiados. Recordem Fromm: estamos mortos em vida, antes mesmo de nascer. A lei do coração e dos sentimentos nos quer fortes, mas de força moral, interior.

O estilo do nosso viver está corroendo sempre mais as nossas melhores energias. Mais ainda do que o fogo das paixões, o que mata, é a frieza dos sentimentos, a ausência do calor, do contato humano.

E ainda antes do Inferno o que encontramos? Os indolentes, aqueles que nem sequer nos “tentaram”, não aceitaram o apelo da Vida e nem são dignos de serem chamados pecadores. Muitas pessoas de fato por medo de viver, estão às margens da própria existência; alguns desenvolvem patologias de cobertura, tomando distância do próprio projeto da alma: a apatia, o tédio, tornam-se seus álibis. O pecado ao contrário, pode ser uma via de redenção e de tomada de consciência. Nisto reside a função do Purgatório, dar sentido aos nossos pecados. Aqui está uma interessante passagem, de André Louf, um abade da Ordem de Trappa: “até os mais excelentes dons de Deus, se não estão acompanhados de alguma tentação... são uma ruína para aqueles que os recebem...”, e ainda “Se a tentação leva a uma queda, isso não significa que falta generosidade, mas porque chegou com menos humildade. E mesmo o pecado, se o pecador sabe prestar atenção à graça que não para de trabalhar nele, quase por trás do pecado, poderia ser uma

oportunidade para encontrar finalmente a porta estreita e principalmente baixa, muito baixa! – que por si só, dá acesso ao reino”.

Agrada-me apreender este aspecto do pecado porque é muito próximo da ótica psicossintética, sobre o princípio da utilização, do frutificar. Assagioli repetia:

“Quando nos acontece algo, nós pedimos: O que construímos com isto?”. Construir, e não destruir com comiseração ou com autopiedade. Compreender o nosso agir, baseados na lei de causa e efeito, e não sobre a infelicidade, sobre a expiação, sobre a punição ou sobre a culpabilidade. Ser responsáveis por si, sem autoenganos.

Mas as palavras do abade Louf, prestam-se a refletir, também sobre o tema da “humildade”, premissa fundamental para enfrentar o percurso de purificação pessoal, o atravessar do nosso Purgatório interior.

De fato, a humildade é a qualidade que deve possuir também Dante, para poder prosseguir seu caminho até o Purgatório. Virgílio cinge-o, sob a sugestão de Catão, com um junco, símbolo justamente da humildade. O junco é uma planta muito flexível e nos ensina que certas rigidezes mentais nossas, como o orgulho e o preconceito não só repercutem no físico (rigidez muscular, torcicolo, lombalgias), mas principalmente no nível psíquico.

A verdadeira humildade, representa a síntese ideal, entre a parte do humilhado, da qual ficamos aflitos, e a do humilhante, do qual muitas vezes não estamos conscientes. Quem foi ferido, fere.

A humildade representa a recuperação da própria humanidade, significa ser radicais no nosso humus terreno, sem mais fugas ou alibis. Estar com os pés na terra ao invés de abandonarmos-nos às mudanças bruscas de assunto, das obsessões ou dos rompantes ou das ilusões, portadoras frequentemente, de desilusões.

Dissemos que muitas vezes enfrentamos verdadeiros e peculiares compartimentos infernais no curso da nossa vida, desprazeres, dores, seja no espírito seja no corpo, as quais seguem, longos períodos de purificação da raiva e do sofrimento. Depois destas provas, que sentido tem a busca pelo Paraíso? Há tempos senti uma pulsação a este respeito: “Todos querem ir ao Paraíso, mas ninguém quer **morrer!** Interessante, provocativa e irônica. Faz vir à mente a história do nosso ego; durante as fases do nosso desenvolvimento evolutivo o construímos, o burilamos, depois chega alguém e nos diz: renuncia ao ego. O ego deve morrer ao eu. A morte não retorna na biofilia da vida, recorda-nos Fromm.

Não me prolongo sobre a diferença entre ego (falsa imagem de si, tirano do nosso verdadeiro ser) e o eu, centro unificador dos elementos da personalidade, testemunha interior do nosso viver psíquico. Mas divido uma lança a favor de quem se liga desesperadamente à velha identidade (ego), porque o vazio, o nada, o abandonar-se, ao “naufragar-me é doce neste mar”, para alguns, representa uma experiência terrível e pavorosa. Talvez seja por isso, que fazer uma viagem ao inferno e voltar com uma parada no Purgatório, tendo como meta ideal o Paraíso, não seja empreitada fácil, e é necessário ou um centro unificador interno, sólido, ou até um modelo ideal, um centro unificador externo, que auxilie no árduo percurso.

Então a busca do Paraíso? É preciso atenção, porque esta aspiração, pode se tornar uma armadilha perigosa, um adiar que distancia a meta ao infinito, sem gozar do **aqui e agora**, da presença do momento, do gozar do instante infinito; ou então, pode revelar-se uma miragem, uma fuga em direção ao alto, escondendo o “lixo” da personalidade sob o tapete da busca espiritual.

Acredito que alguns de nós tenha experimentado os “tormentos”, mas também os “êxtases” no curso da própria existência. É difícil descrever com palavras, quando estou escrevendo, mas vos submeto a conclusão destas minhas reflexões. Existem alguns momentos na vida, onde de repente, nas situações mais impensadas, tudo está **perfeito**, em harmonia, não há nada a acrescentar ou cortar. É simplesmente e claramente, tudo **real**, um instante sem tempo, que se manifesta no interior da rotina do nosso viver. Acredito que estes tipos de experiências, são fragmentos do Paraíso... que talvez, como o Reino de Deus, já estão dentro de nós, antes mesmo de estar na nossa mente, no nosso coração.